

“

A liberdade de mudar nem sempre existe em nós, e isso vê-se na dificuldade em mudar de vida quando estamos insatisfeitos. As pessoas não se sentem com capacidade de fazer pela vida. Há o medo do desconhecido, o medo do ‘para onde é que vou’. Como digo na canção (‘Liberdade’): a paz, o pão, habitação, saúde, educação, só há liberdade a sério quando houver liberdade de mudar e decidir. A liberdade tem de ser preenchida com conteúdos.” As palavras são de **SÉRGIO GODINHO**. Foi há 50 anos que lançou o seu álbum inaugural, “Os Sobreviventes”, uma data histórica lembrada também pelo projeto “SG Gigante”, um disco-homenagem coordenado por Capicua. As palavras do grande letrista português voltaram a ser escutadas no seu concerto no Campo Pequeno a 23 de março, num momento em que o tempo de democracia começou finalmente a ultrapassar o da ditadura. O homem dos sete instrumentos está a aventurar-se também no mundo da ficção narrativa e recentemente lançou o livro “Palavras São Imagens São Palavras”. Há poemas ilustrados e há imagens que trazem palavras agarradas. Acasaladas. Foi assim com “O Pequeno Livro dos Medos”, uma obra escrita para os mais novos, e não só, que partiu de ilustrações improvisadas. Sérgio Godinho foi sempre um curioso e nunca teve medo de experimentar. Nele, parece que a liberdade sempre existiu.

No dia 24 de março de 2022 assinalaram-se mais dias de democracia do que ditadura em Portugal. Nessa data cumpriram-se também 60 anos da **CRISE ACADÉMICA DE 1962**. “O 25 de Abril começou a 24 de março.” A frase do antigo Presidente da República Jorge Sampaio demonstra a importância da luta estudantil para a democracia portuguesa. O movimento fez germinar a queda do Estado Novo e lançou uma nova geração de líderes, como o próprio Jorge Sampaio, recorda a jornalista Filipa Lino. A crise de 1962 foi fundamental para o questionamento do regime, sublinha o historiador Álvaro Garrido, comissário da exposição “Primaveras Estudantis: da crise de 1962 ao 25 de Abril”, que está no Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa. A mostra integra o programa das comemorações dos 50 anos da revolução. Há duas semanas, a Alameda da Universidade de Lisboa voltou a encher-se de estudantes numa manifestação contra o assédio. Se, na ditadura, a luta dos universitários era sobretudo política, hoje existem outras bandeiras. Com a liberdade como pano de fundo, sempre.



**LÚCIA CRESPO**  
Editora